

**DA CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO POSSÍVEL DE DEBATE E SUA
UTILIZAÇÃO COMO MEIO PEDAGÓGICO: UMA REFLEXÃO SOBRE O
PENSAMENTO DE BAKHTIN.**

Ricardo Ruthes¹

RESUMO

O presente artigo tem finalidade construir um conceito possível para o termo debate, se utilizando do pensamento do linguísta e filósofo Bakhtin, se chegando ao conceito que este se seja uma construção lingüística, assumindo linguagem como sendo fruto de um complexo físico – psíquico - fisiológico e social, portanto, dialógico, caracterizado por ser um gênero do discurso, que ocorre quando, em um meio social específico, dois ou mais enunciados, de campos ideológicos distintos, entram em conflito. E a partir disto, entende-lo como um meio pedagógico passível de ser utilizado em aulas de filosofia no ensino médio.

PALAVRAS-CHAVE: Debate; Filosofia; Ensino; Ensino-Médio.

**FROM THE CONSTRUCTION OF A POSSIBLE CONCEPT OF DEBATE AND ITS
USE AS PEDAGOGICAL MEANS: A REFLECTION ON THE THOUGHT OF
BAKHTIN.**

ABSTRACT

The present article aims to build a possible concept for the term debate, if using the thought of the linguist and philosopher Bakhtin, arriving at the concept that this is a linguistic construction, assuming language as being the result of a physical - psychic - physiological complex and social, and therefore dialogic, characterized by being a genre of discourse, which occurs when, in a specific social environment, two or more statements, from different ideological fields, start conflict. And from this, understand it as a pedagogical medium that can be used in philosophy classes in high school.

KEYWORDS: Debate; Philosophy; Teaching; High School.

¹ Possui graduação em Licenciatura em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2011), especialização em Ética e Perspectiva pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2013), especialização em Metodologia do ensino de Filosofia e Sociologia pelo Centro Universitário Barão de Mauá (2014), cursando o mestrado profissional em filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Trabalhou como professor na Secretaria de Estado da Educação do Paraná - Núcleo R. Área Norte. Foi tutor da especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, modo EaD. pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em ética, fenomenologia, ontologia e técnica e nos autores Nietzsche, Heidegger e Sartre.

Introdução

Este trabalho se fundamenta na busca de justificar uma atividade bastante difundida em aulas de filosofia, tal prática é a utilização do debate como meio pedagógico² para apreensão de conceitos³ chave dentro do pensamento de alguns filósofos e, através deste, tentar promover a reflexão crítica⁴ por parte dos alunos. A ânsia por este escrito surgiu porque ao longo dos anos, em minha prática docente no ensino médio, eu me utilizei por inúmeras vezes desta metodologia, utilizando diversos temas para a abordagem, porém, sem o devido cuidado de analisar sua procedência como meio pedagógico.

A necessidade de se utilizar de metodologias diferenciadas em sala de aula do ensino médio, para alcançar o objetivo que é a aprendizagem⁵ por parte dos alunos, ocorre por uma série de dificuldades inerentes a atividade da docência, entre estas dificuldades posso citar como exemplos: o pouco interesse nos conteúdos por parte de uma parcela dos estudantes, a competitividade com mídias sociais (que embora sejam importantes à nossa sociedade e passíveis de serem utilizadas como meio pedagógico, por vezes acabam por gerar distração nos alunos), turmas numerosas, defasagem de aprendizado, etc., estas dificuldades fazem com que o professor tenha de lidar com o desafio de cativar seus pupilos e mobilizá-los para o desbravar da sabedoria. Neste contexto, os meios pedagógicos, diferenciados da tradicional aula expositiva, aparecem como uma opção ao aprendizado, muito embora se deva reconhecer que de nenhuma forma substituam a aula expositiva tradicional. Também, não tenho por interesse estabelecer qualquer juízo valorativo sobre qualquer metodologia em detrimento de outra, apenas desejo apresentar o debate como um meio pedagógico passível de aplicação.

Muito embora eu reconheça que o debate não é o único meio pedagógico diferenciado possível em aulas de filosofia no ensino médio e para que ele alcance alguma eficácia é necessária à utilização de outras metodologias em paralelo, faço a opção de seguir com tal exposição devido às experiências positivas que tive com a utilização do método e julgo que tal escrito se torna pertinente na medida em que se pretende conceitualizar tal prática.

² Neste trabalho será utilizado o conceito de “meio pedagógico”, tendo como significado o próprio *modus operandi* do professor frente a sua sala de aula.

³ Para fins práticos, o termo conceito, será empregado ao longo deste escrito, para designar o conjunto de afirmativas de algum pensador que sejam justificadas, apresentem coerência lógica e visibilidade aos olhos da história.

⁴ Por reflexão crítica será entendido a capacidade, por parte do aluno, de se utilizar de conceitos com certa propriedade, evitando a leviandade.

⁵ Por aprendizagem em filosofia, neste trabalho, entendo a apreensão de conceito e a reflexão crítica sobre os mesmos.

O conceito de debate

Antes de se proceder para as atividades concernentes a análise do debate como um meio pedagógico, convém, antes, se deter em uma questão de ordem fundamental, a saber: O que é o debate? Para responder está questão procederei à construção deste conceito:

O termo justo aqui é, realmente, “construção”, pois, este conceito ao longo da história foi tratado como algo dado, pronto e acabado, sem que alguém se debruce sobre o mesmo para extrair seu sentido intrínseco e necessário. Minha tarefa, porém, está distante dos afazeres de um dicionarista, pois, não busco apenas uma definição breve do conceito e sim sua modelagem enquanto conceito e seus desdobramentos, que serão de grande valia para entendermos o debate como um meio pedagógico.

Para lograr êxito em minha construção conceitual irei me utilizar do pensamento do linguista e filósofo russo Mikhail Bakhtin, este pensador dedicou sua vida à definição de noções, conceitos e categorias de análise da linguagem com base nos discursos cotidianos, artísticos, filosóficos, científicos e institucionais. Em sua trajetória, notável pelo volume de textos, ensaios e livros redigidos, esse filósofo russo foi um dos mais destacados pensadores de uma rede de profissionais preocupados com as formas de estudar linguagem, literatura e arte, o que incluía o linguista Valentin Voloshinov (1895-1936) e o teórico literário Pavel Medvedev (1891-1938).

A escolha deste pensador se deu porque o debate é, em primeira instância, uma “construção linguística⁶”, ou seja, só é possível se fazer tal procedimento se utilizando da linguagem, não sendo possível um debate fora destes termos. Como prova disto, tem-se o fato que, uma vez retirada à linguagem de um debate este cessa, sendo à linguagem o meio pela qual o debate se constrói. Mas, obviamente, o debate não é a única construção linguística possível, portanto, defini-lo como construção linguística é condição necessária, mas, de forma alguma é suficiente para exaurir o conceito.

Sendo assim, é preciso investigar o que define, de fato, este conceito e para isto me utilizarei de algumas teses sobre a linguagem defendidas por Bakhtin, para enfim alcançar o que difere o debate das demais construções linguísticas. Estas teses são: a linguagem como um fato social, linguagem como meio ideológico e que os enunciados são organizados através de gêneros do discurso, sendo que tais teses atuaram em meu escrito como pilares do conceito que pretendo construir.

⁶ Aqui se entende linguagem como um meio sistemático de comunicar, seja através de signos, símbolos, índices, ícones, etc. utilizando os meios sonoros, gráficos, gestuais, etc.

A linguagem como um fato social

“[...] é preciso situar os sujeitos – emissor e receptor do som -, bem como o próprio som, no meio social. Com efeito, é indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam a mesma comunidade linguística, a uma sociedade claramente organizada. E mais é indispensável que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata [...] É apenas sobre este terreno que a troca linguística se torna possível, [...] Portanto, a unicidade do meio social e do contexto social imediato são condições indispensáveis para eu o complexo físico-psíquico- fisiológico que definimos possa ser vinculado a língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem [...]” (BAKHTIN, 1986, p. 70)

Em seus estudos sobre a linguagem, Bakhtin realiza uma análise sobre uso prático da linguagem, dispensando qualquer formulação puramente teórica sobre a língua, pois, considera tais análises estereis e distantes da realidade, sendo, que para ele a linguagem se fundamenta na comunicação entre dois ou mais indivíduos, ou seja, o fundamento está no ato de comunicar e não no sistema de regras dos signos empregados, haja vista, que no uso cotidiano da língua não há uma preocupação direta com a normatização do uso dos signos, ao contrário, eles apenas são utilizados. Deste ponto surgem as principais críticas do filósofo a Ferdinand Saussure, pois, segundo Bakhtin este se detém em demasia à análise sintática das orações, desprezando, assim, o que realmente interessa na língua que é a comunicação.

Segundo Bakhtin, para que haja comunicação, portanto linguagem, é necessário um intrínseco complexo, formado por quatro elementos: um meio físico responsável pelo transporte da comunicação, este pode ser o som da voz ou de um instrumento musical, ou, ainda, o papel que transporta uma mensagem, porém segundo o filósofo, a análise deste meio físico é competência das ciências e não da filosofia. Também é necessário, para haver comunicação, indivíduos dotados de capacidade psíquica, ou seja, que tenham a capacidade mental para receber, processar e formular a comunicação, mas, esta capacidade seria inútil sem o terceiro elemento do complexo da linguagem que é o meio fisiológico que emite e recebe a linguagem, seria este o conjunto de garganta e boca para a fala, as mãos para escrita, olhos para a leitura, etc.

Porém, a novidade que Bakhtin apresenta é que este complexo físico-psíquico-fisiológico de nada serviria se não houvesse o quarto elemento, que é a *unicidade do meio social e o contexto social imediato*. Segundo ele é indispensável para haver comunicação, portanto linguagem, que os indivíduos, emissor e receptor de linguagem, estejam na mesma comunidade linguística e em uma sociedade claramente organizada, ou seja, a comunicação concreta apenas ocorrerá se os indivíduos dominarem os mesmos preceitos culturais de uma

determinada sociedade ou grupo plenamente constituído, tais preceitos envolvem o idioma, os hábitos e os modos de interação social, além de outros elementos. Portanto, para Bakhtin qualquer construção linguística depende de um meio social definido.

Uma vez apresentada à tese, podemos proceder para a análise de algumas decorrências pertinentes desta:

A primeira decorrência é que Bakhtin não aborda a linguagem pelo prisma da composição sintática organizacional dos signos em uma oração, mas, sim como uma composição que se forma na eminência da comunicação verbal, que pode ser oral ou escrita, ou seja, análise da linguagem deve ocorrer sempre na ordem do discurso e não no campo teórico, este último surge, apenas, como forma de tentar justificar o primeiro, mas, falha por promover uma reflexão distante da linguagem como fato concreto. Diante disto, o filósofo assume que a estrutura básica da linguagem não é a oração, mas, sim que a “enunciação” é a unidade básica da comunicação discursiva, definido pelo autor como:

“Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor” (BAKHTIN, 1986, p. 120).

Compreendendo o enunciado como unidade básica da comunicação discursiva percebe-se que todo ato de fala (desde a conversa cotidiana em família até uma palestra em Harvard) ou texto escrito (desde um romance até um artigo científico) são tipos de enunciados que atendem a três peculiaridades próprias:

1 – Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso – Sabendo que o enunciado não é uma unidade convencional da língua e sim uma unidade real e seu início e fim é, portanto, bem definido. O começo de um enunciado se dá com o fim do enunciado proferido por outro e seu término ocorre quando se inicia o enunciado do interlocutor, por esta razão o diálogo é a forma clássica da comunicação discursiva.

2 - Todo enunciado apresenta conclusibilidade específica – Isso significa que o sujeito do discurso disse ou escreveu tudo o que desejava em dado momento ou em dadas condições. A conclusibilidade do enunciado apresenta, ainda, algumas características próprias, são elas:

a – A capacidade responsiva - Todo enunciado gera no interlocutor a capacidade de resposta, para Bakhtin o ouvinte passivo é uma ficção, seja a resposta uma ação (soldado que

age ao comando do sargento) ou um novo enunciado. Qualquer enunciado proferido molda seu enunciado subsequente;

b – Exauribilidade de objeto e de sentido – É a possibilidade de retirar todo o sentido de algo através de palavras. Em alguns enunciados a exauribilidade é quase plena (campos mais factuais da ordem da vida, tais como uma ordem a um soldado) e em outros ela é relativa (onde é impossível extrair todo o sentido, como, por exemplo, em um artigo científico, onde, em certas condições, em certa situação, com dado material o autor exauri o sentido de algo);

c – Projeto do discurso ou vontade do discurso falante – Se trata da intenção discursiva do falante, se relaciona com a situação concreta e com os enunciados anteriores;

d – Formas típicas composicionais – É a forma escolhida para o enunciado, se relaciona diretamente com o projeto (intenção) discursivo do falante;

3 – A relação do enunciado com o próprio falante e com os participantes da comunicação discursiva – Todo enunciado se forma em um contexto social concreto e apresenta uma relação com fatores extra-verbais como a história, as relações sociais, de hierarquia, de intimidade, etc., ou seja, a postura do ouvinte determina o enunciado do falante.

Uma vez compreendido a primeira decorrência da tese Bakhtiniana, que a linguagem é um fato social, ou seja, que a língua se configura através da comunicação verbal e extra verbal, que só se torna possível dentro de um meio social específico, e que sua estrutura básica é a enunciação, sendo que está se forma a partir de pressupostos claros, podemos proceder para a análise da segunda decorrência desta tese de Bakhtin. Tal decorrência está implícita e é bastante óbvia, mas, cabe reservar algumas linhas para discuti-la. Ao se perceber a linguagem como um fato social deve-se notar, sempre, a necessidade de dois ou mais indivíduos envolvidos para que se tenha alguma construção linguística, em outras palavras, sempre que se enuncia algo, independente da maneira que se faça isso, se faz isto em direção de alguém ou de algum grupo, nos termos do filósofo não é possível haver linguagem sem a figura do outro.

Por esta razão Bakhtin denota o caráter ‘dialogico’ da linguagem, ou seja, define o diálogo como sendo a forma plena da comunicação discursiva e isso não se restringe a comunicação oral, mas, a todas as formas de comunicação, portanto a toda linguagem. Até mesmo em casos da linguagem escrita, onde este dialogismo fica menos explícito, o autor entende que sempre que se escreve algo, também, se está escrevendo para alguém, mesmo que não se saiba, com certeza, quem é este ‘outro’ ele pode ser substituído por um representante médio do grupo social do enunciadador.

Quando foi lhes apresentado às características da enunciação ficou claro que a posição do ‘outro’ é fundamental para a comunicação e para as construções linguísticas como um todo, pois, este define o que se fala, como se fala, o início e o final da fala, além, de obrigatoriamente ter a capacidade de gerar resposta no ouvinte e a expectativa desta resposta participa da composição do enunciado, comprovando, assim, o dialogismo da linguagem

Sendo assim, posso concluir desta primeira tese bakhtiniana, à saber que a linguagem é um fato social, que a língua tem seu fundamento na comunicação, esta é dependente de um contexto social claro e de uma sociedade ou grupo organizado, que é sempre dialógica, ou seja, ocorre na ordem do diálogo, envolvendo, assim, sempre mais de um indivíduo, sendo o receptor da linguagem parte ativa para o emissor e, por fim, que a estrutura básica da linguagem é a enunciação e que está responde a regras claras e estabelecidas. Toda esta conclusão será essencial para o trabalho de construir um conceito claro de ‘debate’, porém, antes se deve atentar para outras duas teses de Bakhtin, para então se alcançar tal fim.

A linguagem como meio ideológico

“[...] De fato, a forma linguística, [...] sempre se apresenta ao locutor na forma de enunciações precisas, o que implica sempre um campo ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra sempre está carregada de um conteúdo, de um sentido ideológico e vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes a vida. (BAKHTIN, 1986, p. 95)⁷

Como já visto Bakhtin, entende que a linguagem apenas subsiste inerente a um meio social com interação comunicativa, mas, o ponto que se torna relevante aqui é que este meio social é, também, o campo de atuação das ideologias. Mas, para seguir este intento devemos antes desenvolver este conceito de ideologia com a profundidade que lhe é necessária.

O filósofo se utiliza deste conceito tendo como pano de fundo o pensamento do filósofo alemão Karl Marx (1818-1883) e, portanto, entraremos de forma breve nos escritos de Marx para alcançar alguma clareza conceitual. Devemos considerar, à princípio, que para Marx:

“(...) o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que todos os homens devem estar em condições de viver para

⁷ Cabe aqui uma nota sobre esta tradução, o termo “palavra” empregado aqui, em russo (слово – Slovo), idioma no qual o texto foi escrito, tem dois significados ao ser traduzidos para o português brasileiro, pode significar tanto ‘palavra’ ou pode ser traduzido como ‘discurso’, nesta passagem a opção do tradutor foi por traduzir como ‘palavra’, embora eu acredite que ‘discurso’ cabe melhor no contexto.

poder 'fazer história'. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter moradia, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam que haja a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material." (MARX, ENGELS, 2009, p. 53)

Em outras palavras, para o ser humano subsistir no mundo seu primeiro impulso é pela construção de sua vida material, ou seja, obter alimento, roupas, moradia e tudo o que seja necessário para garantir que ele se mantenha vivo. Dentro desta construção material da vida o homem passa a desenvolver alguma consciência⁸ deste mundo em que ele está, junto com isso cria rerepresentações e um ideário do que seja este mundo. Cabe ressaltar aqui está escalada que Marx cria sobre a história humana, primeiro o homem está (existe) no mundo, depois desenvolve sua vida material e, por fim, idealiza⁹ o mundo em que está, ou seja, o indivíduo primeiro existe e depois pensa, sendo que, este pensar se formula através do mundo e da vida material. Se tomarmos isto como verdade, podemos concluir que a consciência humana é fruto do mundo na qual ela está inserida ou, mais ainda, é fruto da sociedade instituída na qual tal consciência nasceu. Nas palavras de Marx:

"A produção de ideias, de representações e da consciência está, no princípio, diretamente vinculada à atividade material e o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio espiritual entre os homens, aparecem aqui como emanção direta do seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo. [...] A consciência, conseqüentemente, desde o início é um produto social, e o continuará sendo enquanto existirem homens. A consciência é, antes de tudo, mera consciência do meio sensível mais próximo e consciência de uma interdependência limitada com as demais pessoas e coisas que estão situadas fora do indivíduo que se torna consciência." (MARX, ENGELS, 2009, p. 51-55.)

Justamente com esta ideia de que a formação da consciência se dá no meio social é que está presente o conceito de 'ideologia', sendo entendido como o ideário residente na consciência que orienta a existência humana, que tem como origem o mundo e a sociedade. Porém para Marx a ideologia apresenta um tom negativo, pois esta seria um instrumento de dominação que age por meio de convencimento (persuasão ou dissuasão, mas não por meio da força física) de forma prescritiva para manter a classe dominante no poder, sendo responsável por alienar a população quanto à luta de classes existentes.

⁸ Como consciência, neste trabalho, estou atribuindo o significado de um tipo específico de conhecimento perceptivo. Embora eu reconheça a profundidade deste conceito, aqui usarei esta definição simples.

⁹ Os conceitos aqui empregados como ideia, idealizar ou idealiza, aqui fazem referência ao tomar consciência do mundo ou tornar o mundo uma ideia na consciência e não outras acepções como mundo ideal utópico.

Bakhtin importa o conceito de alienação de Marx, como sendo este ideário residente na consciência que orienta a existência humana, que tem como origem o mundo e o meio social, mas, ele retira do termo um pouco da conotação negativa dada por Marx, afinal o intuito do filósofo russo é promover uma análise da linguagem e não da sociedade, tornando o termo mais neutro, porém, necessário. Para o autor como a linguagem se funda nas relações sociais ela está permeada por ideologias.

Quando enunciamos algo não estamos apenas emitindo signos, mas, sim apresentando fatos, verdades, mentiras, coisas boas, coisas más, informações relevantes ou irrelevantes, etc. e estas enunciações estão sempre colocadas dentro de um campo ideológico próprio, ou seja, a linguagem é um meio ideológico, isso porque o emissor do enunciado tem sua consciência formada através do meio social na qual ele está inserido, meio este que, também, é à base da linguagem. Independente do conteúdo do enunciado, podendo ser até mesmo um relato vivencial, ele sempre terá como pano de fundo um determinado ideário de mundo, ou seja, será dependente de uma ideologia.

As ideologias, tal qual a linguagem, é definida por Bakhtin como sendo vivas e mutáveis. Tais mudanças ocorrem de acordo com as mudanças históricas na sociedade, porém, o indivíduo ao fazer uso da linguagem, por conseguinte da ideologia, toma ambas com uma falsa sensação de permanência e imutabilidade, por vezes considerando que elas não sofreram mudanças históricas. Isso se percebe, com certa facilidade, ao se comparar o ideário de mundo de um jovem renascentista e de um jovem nos dias atuais, suas concepções, ideologias, que orientam seus pensamentos e enunciados são extremamente dispares, porém, para ambos parecerá que o idioma em que falam e as verdades que professam são as únicas possíveis.

Através da análise desta tese de Bakhtin, que afirma que a linguagem é um meio ideológico, podemos deduzir uma decorrência de grande utilidade ao presente escrito: Se a ideologia presente na linguagem, dentro de cada enunciado, pode sofrer variações de acordo com mudanças históricas e sociais, pode-se deduzir a existência de múltiplas ideologias, pois, múltiplos são os contextos sociais e as mudanças históricas. Admitindo tal multiplicidade ideológica, pode-se entender que tais ideologias não produzem concordância sempre, sendo normal que diferentes ideologias entrem em conflito devido a discordâncias entre si.

A linguagem, segundo Bakhtin, é o um meio ideológico por excelência, tão logo, é possível compreender que os conflitos advindos da multiplicidade ideológica ocorrem em primeiro lugar no âmbito da linguagem, sendo está palco para as mais diversas batalhas

ideológicas. Mesmo porque, como referido anteriormente, só é possível haver linguagem, para este autor, com dois ou mais indivíduos, pois, a linguagem é sempre dialógica, caso estes agentes da linguagem possuam ideologias diferentes, poderá surgir algum enfrentamento devido a isto, e, caso isto ocorra, será iniciado sempre no campo da linguagem.

Desta forma podemos concluir que a linguagem é um meio ideológico, entendendo ideologia no sentido marxista do termo, ou seja, como o ideário residente na consciência que orienta a existência humana, e que ideologias podem ser diferentes entre si, devido a variações sociais e históricas, portanto é possível que diferentes ideologias entrem em conflito e que isso ocorra no âmbito da linguagem.

Os enunciados são organizados através de “gêneros do discurso.”

“Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 2003, p. 261.)

Algumas páginas atrás, quando se discutia a linguagem como um meio social, foi apresentado o conceito de enunciado, pois, para Bakhtin esta é a verdadeira unidade da linguagem real, para não tornar este escrito repetitivo não retornarei a esta conceituação. Apenas, se torna importante apontar que, para o filósofo russo, estes enunciados podem ser reunidos em grupos de enunciados relativamente estáveis¹⁰, intitulados ‘Gêneros do discurso’. Estes agrupamentos se dão através de 3 características:

1 – Conteúdo temático – Quando o indivíduo enuncia, sempre é enunciado algo, ou seja, há algo a ser dito, há um assunto a ser tratado. Esta característica, de todo enunciado, oral, escrito e, até mesmo, gestual, retrata o ‘o que se enuncia’, podendo ser uma notícia, uma ordem, uma estória, etc.

¹⁰ Por enunciados relativamente estáveis Bakhtin entende que os diversos campos da vida se relacionam através da linguagem e estas interações levam a uma conformidade dos enunciados. Esta conformidade se dá porque há certa semelhança entre os diversos enunciados, tal semelhança, que permite estes agrupamentos em gêneros do discurso, ocorre devido à intrínseca relação entre o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional.

2 – Estilo – O estilo denota o modo como o conteúdo toma forma dentro da linguagem. Determinado conteúdo pode ser enunciado como um livro de romance, um discurso, uma palestra, etc. Atentando que determinados conteúdos determinam seus estilos, bem como, alguns estilos são melhores empregados para alguns conteúdos, isto mostra que há uma relação de dependência entre as características de um gênero do discurso.

3 – Construção composicional – Esta característica diz respeito à estrutura das enunciações dentro de um discurso, ou seja, como os enunciados devem ser organizados para a produção do discurso, por exemplo, ao se compor um discurso no estilo livro de romance policial, não convém que a estrutura dos enunciados apresente o assassino nas primeiras linhas e a história na sequência, pois, tal estruturação levaria ao abandono da obra por vários leitores. Com este exemplo ficou evidente algo importante, a saber, a relação de interdependência entre a construção composicional e o estilo, por conseguinte, com o conteúdo temático.

Analisando estas características dos enunciados no geral fica claro como é possível agrupar determinados enunciados, que compõe um discurso, em gêneros do discurso, isso porque, enunciados, que apresentem conteúdo temático, estilo e construção composicional, semelhantes são relativamente estáveis. Sendo que, toda e qualquer forma de enunciar ao ser proferida já está colocada dentro de um determinado gênero do discurso, mesmo que isto não seja consciente pelo enunciador, por outro lado, é a vontade discursiva deste que posiciona sua fala dentro de um determinado gênero. Nas palavras de Bakhtin:

“A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero.” (BAKHTIN, 2003, p. 282.)

Tão logo, tais gêneros são definidos pela vontade discursiva do falante em consonância com a necessidade e situação exigida pela relação social imediata. Como infinitas são as possibilidades de situações e necessidades, também, infinitas são as possibilidades de gêneros do discurso. Todos estes incontáveis gêneros são heterogêneos entre si, pois, diferentes exigências sociais, exigem diferentes gêneros, com diferentes características.

Embora infinitos e heterogêneos, Bakhtin propõe uma classificação entre os diversos gêneros possíveis, dividindo-os entre primários e secundários. Os gêneros primários são aqueles que emergem de situações do cotidiano e que são simples por pressuporem certa naturalidade, são eles, por exemplo, a conversa na mesa durante o café da manhã, cartas entre namorados, conversa entre amigos em um bar, etc. Por outro lado, os gêneros secundários denotam uma certa complexidade, por serem artificiais, ou seja, partirem de interações sociais criadas, são eles, por exemplo, uma palestra acadêmica, um livro de romance, um artigo científico, etc.

Com esta análise chegamos à conclusão que, para Bakhtin, os discursos produzem formas relativamente estáveis de enunciados, que são caracterizados por seu conteúdo temático, estilo e construção composicional, chamados, pelo filósofo, de ‘gêneros do discurso’, que todo discurso está, desde sempre, colocado em um determinado gênero, porém, a escolha deste depende da vontade enunciativa do falante e que, por fim, é dividido entre primário e secundário. Sendo que, toda esta conclusão será de grande valia para a construção do conceito de ‘debate’ que aqui se segue.

Conclusão sobre o conceito de debate

Uma vez analisada estas três teses centrais de Bakhtin, a linguagem como meio social, como meio ideológico e a organização dos enunciados através de gêneros do discurso, e assumindo-as como verdadeiras,¹¹ sinto-me preparado para formular uma conceituação mais clara sobre o que é debate. Colocarei nos seguintes termos.

“O debate é uma construção linguística, assumindo linguagem como sendo fruto de um complexo físico – psíquico - fisiológico e social, portanto, dialógico, caracterizado por ser um gênero do discurso, que ocorre quando, em um meio social específico, dois ou mais enunciados, de campos ideológicos distintos, entram em conflito.”

Embora, se tenha alcançado esta definição cabe, ainda, apontar as principais características que se evidenciam em um debate, bem como, as implicações de seu uso como meio pedagógico.

¹¹ Minha pretensão no presente trabalho não é avaliar as teses apresentadas por Bakhtin, afim de validá-las, apenas tomá-las como verdadeiras para fins teórico-práticos.

Análise das características de um debate

Uma vez posta uma definição aceitável de ‘debate’ cabe, ainda, sanar um problema tácito que decorre da definição supracitada, a saber, que embora o debate seja um gênero do discurso, que ocorre quando, em um meio social específico, dois ou mais enunciados, de campos ideológicos distintos, entram em conflito, não se segue disso que este seja o único gênero do discurso em que tal conflito ideológico ocorra, em uma discussão, por exemplo, o conflito ideológico também pode ocorrer, mas, isso não torna toda discussão um debate, aliás, parece haver severas diferenças entre ambos.

Mas, em que consiste tais diferenças? O que torna o debate um gênero do discurso diferente dos demais? Não me parece possível responder estas questões se analisarmos o debate do ponto de vista que ele ocorre em um meio social específico ou por se definir como um conflito ideológico, isto porque são, justamente, estes elementos que são comuns a outros gêneros.

Parece-me mais frutífero entender tal diferença se for analisado o que torna o debate um gênero distinto dos demais, ou seja, as características relativamente estáveis existentes nos enunciados que permitem a eles se tornarem um gênero do discurso. Como já visto, estas características são três: conteúdo temático, estilo e construção composicional, sendo que elas próprias, pressupostas em um debate, iram distingui-lo de outros gêneros. Então procederei à análise destas características atreladas ao debate para, enfim, sanar as dúvidas acima colocadas.

Iniciando a análise pelo conteúdo temático, é notório que há uma enorme quantidade de possibilidades de temas e conteúdos para um debate, pois, muitas são as possibilidades ideológicas distintas formatas em contextos sociais, igualmente distintos. Porém, um debate pressupõe a escolha de apenas um tema ou conteúdo, pois, uma vez que se permita que este gênero do discurso ocorra com uma diversidade de temas e conteúdos, em simultâneo, se torna muito fácil a ocorrência de falácias retóricas como a falsa causa e a petição de princípio, que tornam seu empenho pouco profícuo. Em outros gêneros, como na simples discussão, é comum a alternância de temas e conteúdos em simultâneo, o que, por vezes, torna-a infrutífera¹². Sendo assim, a característica do debate é que em todo seu intercurso se tenha apenas um conteúdo, embora, o tema possa variar de debate para debate.

¹² Os frutos esperados são o enfrentamento justo* de ideologias distintas, que, no caso da discussão pode se tornar injusta, ao se utilizar da alternância de temas para formar falácias, demonstrando má-fé dos participantes. Em um debate não é desejável tais injustiças, por esta razão se recusa a alternância de temas.

Na segunda característica, o estilo, se pode observar que o debate assume um tom formal em sua aplicação, sendo mais comum que ocorra de forma oral, embora, possa, também, ocorrer de forma escrita. Tal formalismo se dá porque a prática deste gênero pressupõe um momento específico destinado para ele, na qual seus integrantes têm a chance de se preparar para sua execução, a fim de afinar seus argumentos para o enfrentamento ideológico. Aqui aparece outra diferença para as demais formas de enfrentamento ideológico, como a simples discussão, pois, é comum que estas formas de enfrentamento não apresentem algum nível de formalidade ou, ainda, que tenham um momento próprio para ocorrer, sendo mais abertos para variações estilísticas.

A terceira característica apontada, uma das mais relevantes, da conta da construção composicional do debate, ou seja, de sua estruturação para que possa figurar como tal. A defesa que aqui levantarei é que o debate deve pressupor de uma estruturação com regras claras e ser orientado por um mediador imparcial, que seja responsável pela aplicabilidade de tais regras. Estas exigências se justificam ao pensarmos o debate, como gênero do discurso, que deve, ao menos tentar, garantir a equidade entre os participantes, para que o enfrentamento ideológico transcorra de modo neutro, gerando, assim, resultados positivos,¹³ pois, desta forma se garante, ao menos, o direito de fala de todos os envolvidos. Pode-se entender que tal estruturação regrada é condição de possibilidade para que se tenha um debate, condição essa que é dispensável em outros gêneros do discurso, como na simples discussão, onde não há a exigência de regras claras e explícitas e, também, se dispensa o mediador, tais ausências podem levar simples enfrentamentos ideológicos a evoluírem para grandes batalhas físicas, com trocas de insultos e agressões. Este resultado não é aguardado em um debate, por esta razão há a necessidade de estruturação a partir de regras claras, explicitadas, compreendidas e aceitas.

Até aqui foi compreendido que o debate apresenta como suas principais características, que lhe diferenciam dos demais gêneros do discurso, o fato de que, embora possa haver inúmeros temas para o debate, deve ser debatido apenas um por vez, que seu estilo é formal, normalmente oral (podendo ser escrito), que sua estrutura pressupõe regras claras e um mediador imparcial responsável pela equidade dos participantes. Mas, há um último ponto a ser levantado sobre esta questão: quando Bakhtin apresenta os gêneros do discurso ele, também, cria uma classificação para estes, em primários e secundários, conforme explicitado anteriormente. Desta forma, pode-se convencionar que o debate é um gênero

* Por justo se entende a equidade entre os indivíduos envolvidos.

¹³ Serão abordados os possíveis resultados positivos de um debate no capítulo dois deste trabalho.

secundário, devido a sua complexidade e artificialidade.¹⁴ Por outro lado, outros gêneros que preveem o enfrentamento ideológico, como a simples discussão, são primários, pois, ocorrem a partir de relações cotidianas, são simples, se iniciam de forma espontânea e natural, como encontrar com amigos em um bar e discutir o posicionamento da esquerda e da direita em um dado contexto político.

Conclusão: O debate como meio pedagógico

Meio pedagógico será entendido neste artigo como sendo o *modus operandi* do professor frente sua sala de aula, ou seja, o conjunto de meios que o docente disponibiliza em seu repertório para dar materialidade¹⁵ ao conhecimento, sendo a forma que torna possível ao aluno apreender conceitos e, ainda, saber como manuseá-los de forma adequada.

Neste sentido o debate pode ser entendido como um destes meios pedagógicos possíveis, porém, deve ser denotado que, conforme foi analisado, a utilização deste meio pressupõe uma estruturação composicional, através de regras claras, por essa razão, ele nunca deve utilizado de maneira leviana com os alunos, sob pena de ter sua eficácia reduzida. Ao contrario a escolha pelo uso do debate deve ser precedida pela escolha de um encaminhamento metodológico adequado, na qual este meio possa ser integrado de maneira plena, pois, sua utilização pressupõe uma série de conhecimentos prévios por parte dos alunos e uma organização completa. Portanto, apenas se deve utilizar o meio pedagógico debate em um contexto onde houve um planejamento prévio para tal uso.

Estas necessidades supracitadas ficam claras se analisarmos que a utilização do debate como meio pedagógico pressupõe o enfrentamento de duas, ou mais, posições ideológicas distintas, portanto, é condição de possibilidade para sua ocorrência e eficácia que todos os participantes tenham conhecimento destas ideologias, pois, do contrário nada resultará do processo. Portanto, fica evidente aqui a necessidade, caso se deseje utilizar o debate como meio pedagógico, de enquadrá-lo em uma metodologia, de definir um planejamento e de criar regras para sua execução.

¹⁴ Bakhtin entende como artificial os gêneros complexos, pois, estes não são fruto das relações sociais naturais, ao contrário eles são projetados para que aconteçam. Todo debate pressupõe uma organização prévia, portanto, ele não surge naturalmente no meio social.

¹⁵ Aqui o termo materialidade é usado em um sentido metafórico, significando apresentar o conhecimento de forma concreta ao aluno.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3. Ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SCHNEUWLY Bernard et al. *Gêneros Orais E Escritos Na Escola*. 3. Ed. Campinas : Mercado de Letras, 2011.